



## **Análise da Formação de Massas Exemplificada pelo Filme “A Onda”<sup>1</sup>**

Larissa N. SOUSA<sup>2</sup>

Patrícia Helena C. BRANCO DOURADO<sup>3</sup>

Faculdade Sete de Setembro, Fortaleza, CE

### **Resumo**

Este artigo se propõe a explicar como são formadas as Massas e Multidões, fenômeno que sempre esteve presente na vida em sociedade e quais suas características, tendo como referência ilustrativa de análise o estudo do filme *A Onda*, que é baseado em fatos reais. Abordamos principalmente as teorias dos autores Gustave Le Bon e Elias Canetti, essenciais para o estudo de tal fenômeno. Também entram no estudo autores como Sigmund Freud e Wilhelm Reich.

**Palavras - Chave:** Massa; Multidão; Psicologia; A Onda; Comunicação

### **Apresentação do Filme**

O filme alemão produzido em 2008 por Christian Becker e dirigido por Dennis Gansel, é baseado na história verídica do professor Ron Jones que realizou um experimento social chamado de Terceira Onda que se sucedeu na escola Cubberley High School em Palo Alto – Califórnia no ano de 1967.

Retrata a vivência de um professor de história que em suas aulas terá que abordar o tema autocracia. Com uma indagação aos alunos sobre a possibilidade da ocorrência de uma nova ditadura como a de Hitler, mesmo após todos os fatos, leva o professor a realizar uma arriscada experiência com duração de uma semana, que baseia-se em simular na sala o início de uma autocracia, que consiste no governo de um indivíduo ou um grupo perante uma massa, em que esse líder é ovacionado pelos integrantes.

O filme se passa na Alemanha, que nos traz uma concepção de um país marcado pelo nazismo, com jovens que carregam um complexo pelo ocorrido na era Hitler.

No caso verdadeiro, Jones foi muito mais afundo com o experimento. Ele conduzia a Terceira Onda com mais autoritarismo, disciplina e rigor nas normas, com vigilantes entre os integrantes para censurar e punir quem não seguisse as regras, a punição consistia na saída do aluno do grupo.

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no II 08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação na Região Nordeste realizado de 15 a 17 de maio de 2014.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 5º semestre do curso de Publicidade e Propaganda da FA7, e-mail: [larissanobresousa@gmail.com](mailto:larissanobresousa@gmail.com)

<sup>3</sup> Estudante de Graduação 5º semestre do curso de Publicidade e Propaganda da FA7, e-mail: [patriciacbranco3@gmail.com](mailto:patriciacbranco3@gmail.com)



Jones conduziu a Terceira Onda para um campo nacional, levando os alunos a acreditarem que aquele movimento existia em todo o país que denominava-se Programa de Juventude Nacional da Terceira Onda, onde várias escolas estavam inclusas no programa.

### **Repressão das massas no século XVIII**

Segundo Benevides (1994), com o capitalismo liberal no século XVIII, o Estado se esforça para acabar com as diferenças, já que todos os indivíduos devem ser vistos como iguais e com as mesmas possibilidades de crescimento na hierarquia social, porém o Estado molda as expressões das características que seriam individuais, moldando de maneira padrão as relações no mundo e as experiências subjetivas, ou seja, o indivíduo torna-se então um alvo das intervenções e investimentos da sociedade burguesa. Cria-se uma estrutura de vigilância anônima que analisa o ser e o seu modo-indivíduo.

O modo de produção capitalista investe, como outros modos de produção expressos em outros momentos, na produção de determinadas formas de subjetividade de tal forma a garantir sua continuidade e expansão. Assim é que certos modos de existência passam a ser hegemônicos porque são, ao mesmo tempo, produtos e produtores do próprio modo de produção e reprodução do capital. A esses modos de existência, próprios do modo de produção capitalista, chamamos MODO-INDIVÍDUO. (BENEVIDES, R.;1994; pág 441).

O capitalismo fortalece cada vez mais o caráter individual. A sociedade, junção de indivíduos, funciona como uma maneira de viabilizar interesses individuais. Um exemplo dado por Benevides é um sistema fabril. Vários funcionários unem-se e cada um faz a sua peça isolada, ao final, quando montadas, o indivíduo não tem domínio sobre ela. O importante era o sistema não parar até que o produto estivesse finalizado. Isso dava uma falsa e ilusória ideia de uma comunidade, algo que fizeram juntos.

### **O crescimento de resistências sociais e a medicina social**

Foucault (1979) afirma que nas cidades, devido ao seu grande número populacional e problemas gerados pela industrialização, foi o cenário das primeiras revoltas de camadas da população. Com a revolução industrial, o crescimento de movimentos de resistência na luta de melhores condições de trabalhos e resistência quanto ao uso de máquinas, só aumentava cada vez mais.

A medicina social conseguiu um grande aliado para investir no seu desenvolvimento: o Estado, o mais interessado em controlar e conter essas agitações sociais. Essa medicina começou a estudar não só o indivíduo, mas sim o grupo, o corpo das populações. Seu objetivo era implantar uma biopolítica das populações.



O Estado desempenhará o papel de orquestrador – produtor dessa operação biopolítica, com o auxílio da tecnologia disciplinar operada pela medicina, que agregava médicos, cientistas e outros profissionais e funcionava como uma política, pois não só difundia as normas para os cuidados com a saúde e a higiene, como também controlava sua correta aplicação. (BENEVIDES, R; 1994; pág. 443).

### **O público e o privado**

Público e privado configuravam-se como esferas espaciais e morais que, embora complementares exigiam comportamentos diferentes, fazendo com que as populações dos grandes centros urbanos europeus tivessem que aprender que, no espaço público, os modos de funcionamento deveriam respeitar determinados padrões de civilidade definidos, enquanto no espaço privado, o que prevalecia era a expressão do que se considerava ser a transparência das relações pessoais e familiares. (Perrot, 1991).

Perrot faz essa citação devido a situação da Europa no século XVIII com a vigilância e interesses do Estado no público, fazendo com que a vida privada fosse cada vez mais revalorizada. Para Sennet (1988) um dos motivos seria o crescimento populacional e o convívio com uma variedade de desconhecidos na cidade grande que esse crescimento proporciona.

No público, existia o olhar constante das pessoas perante as atitudes e expressões das outras, desestimulando os comportamentos que pudessem falar algo da interioridade da pessoa. A biopolítica gerou esse estudo de corpos e populações. Esse funcionamento disciplinar causou no século XIX um poder na técnica de fixação de indivíduos em lugares específicos, que influenciaria a população de diversas maneiras, já que a disciplina pode fixar, imobilizar e/ou regulamentar os movimentos. Essa disciplina, perante movimentos reivindicatórios, como por exemplo, de trabalhadores, atua dominando as forças que se formam.

### **Pressupostos Necessários para Entendimento da Psicologia de Massa**

No livro *Massa e Poder*, Elias Canetti coloca em pauta o pavor do indivíduo com o desconhecido, as classificações e as propriedades das massas, tópicos que vamos abranger melhor no decorrer deste capítulo.

Segundo Canetti (1960), o indivíduo tem temor ao contato, principalmente com o desconhecido. Mesmo quando esbarramos acidentalmente em pessoas, nos apressamos rapidamente para nos desculpar pelo contato não intencional. A única situação em que esse temor não existe é quando gostamos de alguém, dessa maneira, nós temos a iniciativa de aproximação. O medo, a instabilidade e a irritabilidade são características presentes no indivíduo diante do contato.



É somente na massa que o homem liberta-se de todo seu temor ao contato. Na massa, todos são iguais como se fosse apenas um único corpo. “Quanto mais energicamente os homens se apertam uns contra os outros, tanto mais seguros eles se sentirão de não se temerem mutuamente.” (CANETTI, 2008, p.14).

Massa é um fenômeno aonde se formam um aglomerado de pessoas onde antes não haviam. O movimento pode começar com poucas pessoas, e de repente várias pessoas estão no mesmo lugar, mesmo com a possibilidade de não ter consciência do que está havendo ali. As pessoas precisam estar onde a maioria está. ´

É importante lembrar que mesmo com essa afluência de pessoas que desconhecem o sentido de estar ali, a massa possui uma meta. Ele classifica a massa em dois tipos: aberta e fechada. A massa sempre quer crescer, mesmo que de maneira desorganizada, é isso que a mantém viva, porém essa classificação define como será seu crescimento. Na massa aberta, fronteira alguma impõe seu crescimento e devora tudo o que vê. Ela tem que crescer ou então morre. Já a massa fechada visa uma duração maior e é mais restrito quanto quem participará do grupo. A massa é considerada duplamente fechada ou massa como anel, quando só interessa o que está passando dentro da massa, nada que está fora importa e a descarga da massa se dar para dentro.

A descarga, outra definição feita por Canetti, refere-se ao momento em que a massa deixa de lado todas as diferenças e individualidades e de fato, torna-se uma massa. O homem, em seu estado consciente, segue uma hierarquia existente no meio aonde vive, porém, na massa, o sentimento de igualdade reina. “Enorme é o alívio que isso provoca. É em razão desse momento feliz, no qual ninguém é mais ou melhor que os outros, que os homens transformam-se em massa.” (CANETTI, 2008, pág. 17).

Outra característica da massa é a ânsia que tem por destruição. O intuito que se leva a isso não consegue ser explicado, mas existe um prazer da massa fazer isso. A destruição de imagens, por exemplo, funciona como uma destruição de hierarquia, mas destruição mais comum é o ataque às fronteiras. A massa tem necessidade de ultrapassar fronteiras. A sensação de ultrapassagem chega ao próprio indivíduo que acredita passar por suas próprias fronteiras. Outra sensação, a de ser anônimo, lhe confere o sentimento de poder que pode fazer tudo. “A massa destrói preferencialmente edifícios e objetos (...) o barulho promete o fortalecimento pelo qual se espera, constituindo ainda um feliz presságio dos feitos que estão por vir.” (CANETTI, E; 2008, pág. 18).

O fenômeno de erupção é explicada por Canetti da seguinte maneira:



Invariavelmente, a erupção para além dos locais fechados significa que a massa quer de volta o velho prazer que lhe proporciona o crescimento súbito, rápido e ilimitado. Denomino, pois, erupção, a repentina transformação de uma massa fechada em aberta. (CANETTI, E., *Massa e Poder*, pág.20).

A massa fechada, por maior que sejam suas restrições quanto a crescimento, elas querem crescer, quer sentir-se saciada. No momento de erupção ela se abre e devora todos que quiserem entrar.

As massas devem ter paciência quanto à hora da descarga, elas esperam, elas estancam. Nesse caso o Estancamento, assim como é chamado, é a exibição da identidade da massa, ela precede a descarga.

As massas de acossamento formam-se tendo metas que são alcançadas rapidamente. O objetivo é matar, já a meta é a vítima. Nesse tipo de massa, está ausente o sentimento de perigo, pois a massa sente-se superior. Existem dois tipos de morte na massa de acossamento: a expulsão e o matar coletivamente. Na primeira o indivíduo é abandonado sem nenhuma defesa, os outros não se importam mais com ele. Na segunda, ninguém é escolhido para ser executor, todos matam juntos. “Em razão da execução – mas somente depois dela –, a massa sente-se mais ameaçada do que nunca pela morte. Assim, desagrega-se e espalha-se numa espécie de fuga.” (CANETTI, 2008, pág. 48).

Para começar a falar sobre massa de fuga, Canetti diz que “constitui-se a partir da ameaça. É próprio dela que todos fujam, que todos sejam arrastados por ela. O perigo de que se sente ameaçada é o mesmo para todos.” (CANETTI, 2008, pág.51). Essa ameaça sofrida pela massa ainda os mantém unidos e com sentimento de igualdade, porque eles sentem o perigo distribuído para todos, já no pânico acontece totalmente o oposto. Cada um está por si, o perigo os coloca numa situação em que todos são considerados inimigos. Cada um que cai, é um estímulo para continuar fugindo.

Sobre as massas festivas, “Nada nem ninguém os ameaça; nada os compele à fuga; a vida e o prazer estão assegurados por toda a duração da festa. (...) Para o indivíduo a atmosfera não é de descarga, mas de descontração.” (CANETTI, 2008, pág. 61). Não existe meta, a festa é a própria meta e já foi alcançada.

De acordo com Gustave Le Bon a multidão é formada a partir da propagação de certas ideias implantadas em um grupo de pessoas, de modo que o grupo perca sua individualidade entre os integrantes e assim formando uma alma coletiva. A personalidade consciente do indivíduo desaparece e mergulha em um coletivo, fazendo com que as pessoas do grupo tornem-se um único ser, uma alma com sentimentos e



pensamentos voltada para o mesmo sentido, tornando-se assim uma multidão psicológica.

Le Bon acredita que para um grupo se tornar multidão, não precisa necessariamente que estejam juntos fisicamente. Uma população inteira pode ser levada por influências de uma ideia, sem que haja uma aglomeração visível.

A multidão tem como natureza a impulsividade e atitudes regidas pelo inconsciente tornando o indivíduo incapacitado de raciocinar, sendo facilmente influenciável por uma opinião sugerida, que seja simples e ilustrativa. Segundo Le Bon, são características que fazem com que a multidão transforme imediatamente uma ideia em ato, para o coletivo a ideia só tem utilidade se for posta em ação.

Baseada na análise de Le Bon, uma aglomeração de indivíduos só será considerada uma multidão psicológica quando apresentarem características fundamentais da mesma. Além de compartilharem da alma coletiva, onde sua individualidade perde-se na unidade do grupo, o heterogêneo passa a ser homogêneo levando a dominação do inconsciente. O indivíduo na multidão é levado a um sentimento invencível, por conta do número, ou seja, a quantidade pessoas inseridas no grupo. Ele se permite ceder a impulsos acreditando que será um anônimo em meio à multidão faz com que seu sentimento de responsabilidade desapareça, admitindo ter atitudes que caso estivesse sozinho jamais faria. Outra característica é o contágio mental, onde todo ato ou sentimento é contagioso no grupo, fazendo com que o integrante renuncie do seu interesse pessoal para exercer o interesse coletivo.

A sugestibilidade também é introduzida na multidão, de forma que o indivíduo tem atitudes completamente diferentes que teria isoladamente. Encontrando-se em um estado de extrema fascinação e hipnose, onde já não possui consciência dos seus próprios atos, esse sentimento se intensifica quando se torna recíproco, logo sugestibilidade é a fácil propagação de uma ideologia que rapidamente será levado ao ato.

“Desaparecimento da personalidade consciente, predomínio da personalidade inconsciente, orientação por meio da sugestão e de contágio dos sentimentos e das ideias num mesmo sentido, tendência a transformar imediatamente em ato as ideias sugeridas são as principais características do indivíduo na multidão. Ele já não é ele mesmo, é um autônomo cuja vontade tornou-se impotente.” (LE BON, Psicologia das Multidões, pág.36).



Um dos fatores mais surpreendentes para Le Bon que ocorre na multidão psicológica, é que quaisquer indivíduos que formam o grupo independente de quem sejam, por mais diferentes que possam ser seu tipo de vida, por mais que seja um ignorante ou um sábio, o fato de estarem em um estado de alma coletiva, faz com que os indivíduos pensem e ajam de maneira diferente que agiriam isoladamente, tornando-se intelectualmente inferior ao que eram antes. De maneira que a multidão não é composta por indivíduos inteligentes, mas medíocres.

Segundo Le Bon os indivíduos inseridos no grupo são portadores de características primitivas que são conduzidas pelo seu inconsciente, regressando para atitudes instintivas, espontâneas, violentas, ferozes, impulsivas, sendo incapaz de raciocinar, julgar e ter espírito crítico, com fácil irritabilidade e sentimentos exagerados, a flor da pele. De modo que são completamente instáveis, impossibilitando que suas atitudes sejam premeditadas, podem facilmente sair do controle. Além de não possuírem moralidade que normalmente por serem impulsivos na possuem nenhum senso de moral, entretanto quando uma multidão apresenta características de moralidade, chega a um nível tão elevado sobre a moral que nenhum indivíduo sozinho poderia ter.

Na multidão qualquer acontecimento logo se torna desfigurado, o indivíduo na unidade distorce as imagens, pois como relata Le Bon, ele é incapaz de separar o subjetivo do objetivo, de maneira que tornam reais imagens formadas em seu espírito, sendo normalmente uma mera ilusão de um indivíduo. Em consequência do contágio mental geram alucinações coletivas, que são deformações que consistem na mesma natureza e no mesmo sentido para todos integrantes da coletividade, pois um sugestionou todos os outros. Logo um acontecimento observado por grande número de pessoas, será algo certamente duvidoso, já que a credibilidade de uma multidão é facilmente contestável. Mesmo com todos os perigos e ameaças que estão presentes na multidão psicológica, Le Bon afirma que caso não existisse multidão, grande parte da história estaria perdida, pois não existiria.

### **Análise da Formação de Massas Exemplificada pelo Filme “A Onda”**

A primeira observação importante do filme é quando percebemos que os jovens não possuem ideologias formadas e objetivos pelos quais lutarem, como se não valesse a pena se revoltar por mais nada. A diversão está muito presente em seus dias, de modo que os tornam influenciáveis a opiniões externas.



O professor Rainer Wenger sugere uma maneira dinâmica de aprendizagem sobre autocracia. Após ser escolhido por meio de votação como líder, ele determina como deve ser chamado, além de exercícios de respiração e postura, começando assim a implantar a ideia de autoridade e respeito perante o líder.

Existem três personagens que a análise é de fundamental importância pela psicologia de Reich (1932) para que sejam compreendidos os comportamentos deles no decorrer do filme. O primeiro é o estudante solitário Tim. Sua família demonstra indiferença diante da vida do próprio filho. Por influência desse comportamento familiar, Tim sempre foi uma pessoa muito carente, reprimida e sem autoconfiança. Segundo Reich, a repressão sexual é desenvolvida pela família, já que ela é a responsável pela produção centro – ideológica do indivíduo. De maneira menos clara que Tim, a personagem Marco apresenta características como carência e fácil vulnerabilidade a influências externas. Isso é explicado devido ao seu relacionamento com a mãe que é uma mulher leviana e inerente às responsabilidades familiares. Devido isso, Marco busca construir uma relação paternal com o pai de sua namorada Karo, já a personagem Karo é autoritária, vaidosa e egocêntrica. Karo já reflete o lado da repressão e não o do reprimido, diferente de sua família, que é um exemplo de libertinagem, onde as ideias de disciplina não faz parte da criação dos filhos, logo sua família foge dos padrões ideológicos de Reich.

Voltando à situações relevantes do filme, uma cena primordial em que se pode introduzir como iniciação da massa, é quando o Sr. Wenger convoca os alunos a fazerem um exercício de marcha militar. Aos poucos, os alunos vão ajustando seus passos que começam a ter uma sincronização. Como sugere Canetti, viram uma massa rítmica tornando-se uma unidade. Nesse instante, os alunos tem o seu primeiro momento como alma coletiva, exportada por Le Bon, no qual eles experimentam o sentimento da igualdade. Outra situação de primeiro contato também é com o inimigo externo. Quando se é implantada a meta de perturbar a sala de anarquia que se encontra abaixo de sua sala de aula, os indivíduos animam-se. Canetti expõe que “O ataque exterior à massa só faz fortalecê-la. Os corpos apartados são atraídos tanto mais vigorosamente para junto uns dos outros.” (CANETTI, E; 2008, pág. 22).

O sr. Wenger redistribui a sala, com a intenção de separar as pessoas que possuem vínculos formados e os dispõe com “estranhos”. Seu objetivo é quebrar as divisões dos grupos e romper com temor do contato descrito por Canetti em *Massa e Poder*.





A ideia do uniforme é outra situação com grande característica massiva. Os uniformes tem como significado a eliminação das diferenças sociais e das individualidades. Ao determinarem o uso de blusas brancas como fardamento, os indivíduos começam a ter um vínculo. Os uniformes determinam quem são eles. Como analisado por Le Bon, ao sofrer o contágio mental, o indivíduo sacrifica seu interesse pessoal pelo interesse coletivo. No filme, quatro exemplos abordam o tema. Jeans, um aluno com um elevado poder aquisitivo, coloca o interesse coletivo acima não só quando compra camisas brancas, mas quando também empresta camisas a um colega que pouco tem contato, caso parecido com o de Lisa, que mesmo não tendo uma boa condição financeira como Jeans, consegue o dinheiro para adquirir o uniforme. Os dois exemplos são distintos do de Karo, que ao ser criticada pela mãe sobre sua roupa, decide mudar o vestuário e ir com uma camisa colorida, ou seja, optou pela vaidade do que pela meta de seu grupo. Nesse período, Tim queima todas as suas roupas de marca e que não são brancas, passando a usar somente o uniforme do grupo. Essa atitude demonstra um alto grau de envolvimento ao movimento. De acordo com Le Bon, o comportamento de Tim é explicado pela sugestibilidade, estado de fascinação e hipnotismo causado pelo inconsciente.

A turma cresceu com a recepção de novos alunos e sentiram necessidade de nomear o movimento que estava acontecendo. Durante a escolha da nomeação do grupo os integrantes já faziam uso dos uniformes. Devido a decisão de Karo por optar por seu interesse pessoal, escolhendo não ir de branco, acaba sofrendo exclusão de todo grupo, sendo tratada com indiferença até pelo Sr. Wenger. Segundo Le Bon essa situação é justificada pela característica da massa de ser intolerante, autoritária e conservadora.

A multidão é tão autoritária quanto intolerante. O individuo pode aceitar a contradição e a discursão, a multidão nunca as suporta.(...)O autoritarismo e a intolerância geralmente estão presentes em todas as categorias de multidão, mas em graus muito variados. (LE BON, G. Psicologia das multidões, pág.54).

Após denominarem-se como A Onda, possuem um uniforme, estabelecerem metas e presenciarem o contágio, a turma de autocracia tornou-se uma multidão psicológica.

A Onda proporcionou a Tim, que antes estava a margem da turma, a possibilidade de criar amizades. Cada vez mais Tim estava se tornando uma pessoa irracional diante dos benefícios que A Onda o apresentava.

Os integrantes da massa decidem sair pela cidade propagando a ideia do movimento, através de adesivos, pichações e vandalismo. É notória a análise de Canetti



sobre a ânsia de destruição e a formação da massa de acossamento. Nesta cena do filme, o indivíduo ao estar incluso na massa sente uma sensação de liberdade que ultrapassa a fronteira de si mesmo. O medo não existe mais. Foi estabelecida uma meta que deve ser cumprida rapidamente. Sobre a ausência de medo Le Bon acredita:

O indivíduo na multidão adquire, exclusivamente por causa do número, um sentimento de poder invencível que lhe permite a ceder a instintos que, sozinho, teria forçosamente reprimido.(...) Sendo a multidão anônima e conseqüentemente irresponsável desaparece inteiramente o sentimento de responsabilidade que sempre detém os indivíduos.(LE BON,G. Psicologia das multidões, pag.34).

Uma dos desafios durante a noite de vandalismo foi a escalada de um prédio. As ameaças encontradas pelo grupo foram da altura do edifício até a chegada da polícia ao local. Com a chegada deste último, o grupo foge abandonando Tim que escalava o edifício. De acordo com Canetti essa situação se adequa a massa de fuga. Outra cena, a de pichar o símbolo anarquista, representa a destruição da hierarquia do outro grupo. No momento da destruição se consome a descarga.

Enquanto estão juntas sentem o perigo distribuído por todos.(...)Enquanto o inimigo se apodera de um, os outros todos poderão escapar. Em meio a tantas pessoas ninguém supõe que venha a ser ela a vítima. (CANETTI, Massa e poder, pag.52).

A massa que ainda tem como característica ser fechada reafirma-se ao ser seletivo quanto com quem seus integrantes devem andar. Como forma de restringir ainda mais essa seletividade, foi criada uma saudação referente A Onda para seus membros.

Como em toda massa, é importante a oportunidade de expansão e entrada de novos membros. Canetti, com sua ideia de erupção, representa muito bem a cena em que A Onda começa a aceitar novos integrantes, mas é importante ressaltar que o crescimento acontece de forma ordenada, sempre mantendo o controle de quem entra e de como os membros devem agir.

Outra situação em que aparece o inimigo externo é quando Karo e a equipe do jornal resolvem escrever contra o movimento da Onda. Foram feitas várias cartilhas criticando a massa que foram distribuídas nas entradas de todas as salas, porém não chegaram aos alunos devido o rompimento do processo feito pelos membros do movimento. Mais uma vez, o inimigo externo serviu como fonte de união aos membros da massa.

Um momento de descontração do filme, é quando os estudantes resolvem fazer uma festa. Nesse momento, eles podem ser classificados como massas festivas de Canetti, já que estão tranquilos e apenas curtindo o momento. Um ato que seria julgado



em outro momento seria o beijo entre Marco e Lisa, mas naquele ambiente, não existem proibições, a única regra é ter prazer. “Muitas proibições e separações estão suspensas; aproximações deveras incomuns são permitidas e favorecidas.” (CANETTI, E; 2008, pág. 61).

Exemplificando mais uma vez o envolvimento de Tim com A Onda, ele está cada vez mais coberto de amor, respeito e admiração pelo grupo, principalmente com o professor, ao se oferecer para servir como segurança do Sr. Wenger. Para Freud (2011), isso é explicado pela identificação libidinal, a sensação que liga seus componentes entre si e faz com que o indivíduo projete nos outros membros e no líder uma idealização que cada ego individual formou para si mesmo. “Na teoria de Freud, como já referimos, trata-se de relações libidinais em que cada um dos membros e entre estes e seu líder.” (BENEVIDES, 2008, p.452).

Com relação à irritabilidade da massa, em nível extremista, foi exemplificada na cena do jogo de polo aquático, quando Sinan tenta afogar um de seus oponentes na piscina. Levado pelo exagero dos sentimentos e pela tendência de transformar rapidamente em ato, a personagem é completamente conduzida por seu inconsciente. A plateia, que é composta por integrantes da Onda, é contagiada pelo sentimento do integrante do grupo, levando os a agir também com agressividade, principalmente quando se deparam com a ameaça externa provocada por Karo e Mona ao jogarem as cartilhas negativas a respeito da Onda sobre a plateia. Baseado nas ideias de Le Bon, a impulsividade, a irresponsabilidade e a irritabilidade existente nesse comportamento está associado à incapacidade de raciocinar, ela é escrava de seus impulsos, assim acontece com o professor Rainer Wenger que está envaidecido pelos elogios e admiração dos alunos, e não aceita as críticas recebidas por pessoas que não participam da massa. A ausência de julgamento e de espírito crítico está presente, pois ele não consegue ver além do que vive na massa. O professor, líder do movimento, foi devorado pela massa.

Com os sentimentos citados acima, uma cena crítica que faz o indivíduo perder todas as características massivas e voltar à personalidade consciente e de interesses pessoais é constatada pela ação de Marco ao discutir e bater em Karo por ela criticar o grupo em que ele está inserido. Mesmo gostando dela, ele age agressivamente e impulsivamente com a mesma. Esse acontecimento o desperta dos perigos daquela união inconsciente e o traz de volta a individualidade autônoma. Para alertar sobre os riscos que A Onda possa ter tanto aos integrantes como para indivíduos avulsos, Marco



procura Sr. Wenger para contar o ocorrido e pedir para que cesse o desenvolvimento do grupo devido as varias ameaças ocasionadas pela massa.

Ao receber a noticia pelo jornal sobre a noite vândala realizada por seus alunos, Sr. Wenger junta essas informações com os alertas recebidos por diversas pessoas, logo começa a voltar a sua personalidade consciente e perceber que existe algo estranho no grupo que ele criou. Como forma de esclarecimento, marca uma reunião no auditório com os integrantes e simpatizantes da Onda. Ao chegar no auditório a situação que o grupo se encontra é denominada por Canetti de massa como anel, onde a única preocupação dos participantes presentes na reunião é o que esta acontecendo dentro do auditório.

Marco que já estava a par de suas características individuais e conscientes, discorda das opiniões implantadas por Sr. Wenger e manifesta-se perante todos. Como reação, a massa imediatamente o ver como ameaça interna, logo ganha título de traidor, acontecimento que segundo Canetti pode desestruturar a massa com a perca de confiança, solidez e igualdade.

Ao trazerem Marco ao palco com a imagem de criminoso e almejando puni-lo, o Sr. Wenger pede a alguns integrantes que escolha o destino do traidor. Nesse momento, por não saber o que fazer, o professor demonstra aos alunos como a sua capacidade crítica e personalidade consciente desapareceram com a alma coletiva do grupo. Comprovando aos alunos a indagação inicial do filme, ou seja, que mesmo já cientes do contexto histórico de seu país com o nazismo e o fascismo. Essas ideias poderiam ser implantadas novamente, assim como ocorreu na Onda. Dito isto, anuncia o fim da Onda causando a quebra da alma coletiva, fazendo com que os integrantes voltem a ter as fronteiras que os separam por classe econômica social, sua individualidade e o temor do contato.

Tim, um membro como pudemos perceber diante de toda análise, foi um integrante altamente dependente da massa, sua vida girou em torno da Onda. Por esse motivo, ele entrou em desespero ao se deparar com o fim do grupo. Chegando ao ápice de sua angustia, sacando uma arma e atirando contra um colega membro, levando todos ao sentimento de pânico descrito por Canetti. É possível analisar bem essa característica ao ver que cada um esta por si novamente, deixando de ser um único corpo, preocupando-se apenas com a própria segurança. Esta desmembração de massa finaliza-se definitivamente com o suicídio de Tim.



## Referências

LE BON, G.; **Psicologia das Massas**; WMF Martins Fontes; São Paulo; 2008.

CANETTI, E.; **Massa e Poder**; Companhia das Letras; 2005.

DIRAMI, Victor; **A Terceira onda: fascismo na escola**; Rio de Janeiro; 2013; Disponível em:  
< [http://obviousmag.org/archives/2013/03/a\\_terceira\\_onda\\_fascismo\\_na\\_escola.html](http://obviousmag.org/archives/2013/03/a_terceira_onda_fascismo_na_escola.html) > Acesso em: 16 fev. 2014

JACÓ-VILLAS, A.N.; FERREIRA, A.A.L.; PORTUGAL, F.T.; **História da Psicologia**; NAU; Rio de Janeiro; 2008.

REICH, W.; **Psicologia de massas do fascismo** ; Martins Fontes; São Paulo; 1988.

FREUD, S. ; **Psicologia das Massas e Análise do Eu e Outros Textos (1920-1923)** ; Companhia das Letras; 2011.

The History Channel; **A terceira onda – fascismo na escola**; Estados Unidos da América; 2010